

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho: O Trabalho no Século XXI Mudanças, impactos e perspectivas.

GT 06- Subcontratación y Organización de Trabajadores Precarios

Título do Trabalho: Cadeia Produtiva da Reciclagem do Plástico e Cooperativismo de Catadores: notas sobre novas modalidades de organização de trabalhadores precários

Autora: Paula Yone Stroh

Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas

email: pstroh@terra.com.br; paula.stroh@pq.cnpq.br

Resumo simples

A crise de empregabilidade entretecida na globalização da economia impulsiona políticas e práticas alternativas de geração de trabalho e renda, sustentadas na indução a núcleos autônomos de trabalho coletivo. Neste campo se situa a indução de coletivos autogestionários – pautados nos fundamentos da Economia Solidária e com segurança social autofinanciada, voltados à inclusão produtiva de grupos sociais vulneráveis. No Brasil, o cooperativismo de catadores de materiais recicláveis já tem lugar como tema de pesquisas nas ciências sociais e em programas de políticas nacionais de combate à miséria, interassociadas à Política Nacional de Resíduos Sólidos. Menos conhecidas são as relações entre políticas de indução ao cooperativismo de catadores e demandas de acumulação ampliada do capital da cadeia produtiva da reciclagem. Aqui se propõe esta reflexão, com foco na indústria da reciclagem dos plásticos.

Resumo Expandido

O texto tem por objeto o estudo das inter-relações das políticas de indução ao cooperativismo de catadores – norteadas por programas de políticas nacionais de combate à miséria e interassociadas ao movimento social da Economia Solidária e à Política Nacional de Resíduos Sólidos – com as demandas de acumulação ampliada do capital da cadeia produtiva da reciclagem. Notadamente, nas especificidades das demandas do segmento da reciclagem dos polímeros sintéticos e os naturais modificados. Ou seja, os distintos tipos de resinas plásticas que dominam a sociedade moderna, ocupando espaço cada vez maior na vida cotidiana das sociedades contemporâneas.

Desde a sua aparição no mercado, em 1862, quando Alexander Parker produziu o primeiro protótipo de objeto de resina plástica, o material foi gradativamente incorporado até atingir a condição de componente nodal da era industrial. A sociedade de industrialização avançada multiplicou a oferta de tipos de polímeros ao mercado. Estes, gradativamente substituem outras matérias primas, como aço e alumínio, na industrialização de objetos utilitários à vida cotidiana ¹.

A crescente capacidade de produção de resíduos sólidos urbanos na sociedade de risco (Beck, 2001) tem lugar preponderante no elenco de ameaças ambientais que afligem o mundo moderno. São ameaças ancoradas nas consequências indesejáveis do sistema de industrialização avançada (idem) e na voraz pulsação de consumo que caracteriza a sociedade contemporânea globalizada (Baudrillard, 2006; Bauman, 2007; Costa, 2004).

Por deter o poder de autorecriar as próprias possibilidades de acumulação, na exploração econômica dos riscos concebidos à sociedade, o capital industrial responde ao dilema ambiental do lixo, mediante inovações tecnológicas de reciclagem e consolidação e expansão de um novo setor industrial global, cuja capacidade de acumulação depende da celeridade dos ritmos de consumo das sociedades (Stroh, 2009). Esta constatação se revela com propriedade para o caso da reciclagem industrial do plástico.

Os dois principais atributos do material plástico respondem por sua tão ampla adoção na sociedade de consumo – leveza e durabilidade – ignorando a não biodegradabilidade, a decomposição lentíssima da matéria em centenas de anos. O crescente descarte dos objetos se tornou responsável pelo aumento exponencial do volume de lixo nos depósitos de resíduos sólidos das cidades, cuja população, por sua vez, também é crescente. A matéria plástica é o “vilão do lixo” e deste qualificativo emerge e se consolida a indústria de reciclagem do plástico.

No princípio, consistia atividade restrita às próprias indústrias para reaproveitamento de suas perdas de produção (reciclagem pré-consumo). Com o consumo em larga escala e a partir dos problemas acarretados nos sistemas de deposição

¹ De acordo com a Associação Brasileira da Indústria do Plástico – ABIPLAST, os Termoplásticos são os plásticos mais utilizados no Brasil. São eles: Polyethylene Terephthalate ou Politereftalato de Etila – PET; Polietileno- PE de alta e de baixa densidade – PEAD e PEBD; PP Polipropileno, PoliestirenoPS, Polyvinyl chloride ou Policloreto de Vinila, PVC; e Etil Vinil Acetato, EVA <http://www.abiplast.org.br>.

de resíduos sólidos urbanos, o material viria a ser separado do lixo, recuperado em quantidades crescentes e impulsionando um novo segmento industrial com absorção de inovações tecnológicas (reciclagem pós-consumo). Dados do Sistema Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), em parceria com o Compromisso Empresarial para Reciclagem (Cempre), divulgados em 2009, informam que a indústria de reciclagem de plásticos no Brasil é formada por cerca de 490 empresas, 80% delas concentradas na Região Sudeste, que juntas faturam cerca de R\$ 1,22 bilhão e geram 11.500 empregos diretos. As empresas têm capacidade instalada para reciclar 1,05 milhão de toneladas por ano. A campeã na reciclagem de plástico pós-consumo é a Região Sudeste, com 58%, seguida pelas regiões Sul (24,9%) e Nordeste (14,5%). Os dados também indicam o lugar da indústria nacional da reciclagem do plástico no panorama mundial: o Brasil foi a nona posição mundial, em 2010, atrás da Alemanha (34%), Suécia (33,2%), Bélgica (29,2%), Itália (23%). É apropriado lembrar que estes países incineram a maior parte do plástico coletado seletivamente (<http://www.reciclaveis.com.br>), como também observar os antagonismos que marcam as relações entre o capital vinculado à reciclagem e aquele vinculado à indústria da incineração de resíduos sólidos urbanos.

A cadeia de reciclagem pós-consumo do plástico tem início na coleta do material reciclável. Envolve três etapas produtivas: a primeira consiste na recuperação do material e envolve os processos de coleta seletiva, triagem, prensagem e enfardamento. Salvo exceções, o trabalho de catadores avulsos, cooperativas e associações de catadores se restringe a esta etapa, em que é mínima a agregação de valor ao produto. A segunda etapa corresponde à revalorização do material. Compreende os processos de beneficiamento, como moagem e extrusão. Esta etapa comporta maior agregação de valor aos materiais recicláveis. A terceira etapa vem a ser a de transformação, que é a reciclagem propriamente dita, em que os materiais recuperados são reintroduzidos no mercado como novos produtos.

Estudos sobre a reciclagem de plásticos mostram a essencialidade do incremento do volume a coleta seletiva para a cadeia industrial. No entanto, realizada por catadores avulsos que trabalham nas ruas das cidades na mais completa precariedade e por cooperativas e associações de catadores que representam cerca de 10% do contingente brasileiro de um milhão e duzentos mil catadores, segundo estimativa do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). Nos ambientes internos ao

segmento industrial as projeções a respeito das vantagens e possibilidades da reciclagem do plástico são de largo espectro. Indica-se que a indústria de reciclagem é uma das atividades que mais cresceu no mercado brasileiro nos últimos anos. Contudo, afirma a literatura específica, o desempenho seria muito mais satisfatório caso estivesse associada ao incremento de sistemas de coleta seletiva, o que só é praticado em 7% dos municípios brasileiros.

Na base dessas referências, duas hipóteses amparam as ideias desenvolvidas no texto; primeiro, que a crescente visibilidade social e reconhecimento político da categoria ocupacional de catadores (ou coletores) de materiais recicláveis revela a essencialidade da função social do trabalho de coleta e separação dos resíduos sólidos urbanos para a ampliação das possibilidades de acumulação do capital industrial da reciclagem. Segundo, que por estar organizada nos moldes dos sistemas de reestruturação produtiva amparados na doutrina neoliberal, a precarização do trabalho dos catadores, cujas origens deitam raízes no circuito inferior de circulação do capital urbano (Santos, 2004), é componente intrínseco deste segmento industrial emergente da sociedade de industrialização intensiva e de consumo voraz.. Em suma, a precarização da ocupação funcional dos catadores é condição indispensável para a acumulação ampliada do capital da indústria da reciclagem.

Este registro abre novas possibilidades de reflexão a respeito das políticas de indução a sistemas cooperativistas de catadores de materiais recicláveis, conduzidas no contexto das estratégias de políticas governamentais de combate à pobreza e das aplicações da Lei Nº 12.305/2010, que cria a Política Nacional de Resíduos Sólidos, e do Decreto lei Nº 7405/2010, que institui o Programa Pró-Catador e reorganiza o Comitê Interministerial de Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis, então criado em 2002 no contexto de institucionalização da categoria ocupacional.

Ao lado de todos os aspectos associados ao desenvolvimento social pela via da inclusão produtiva. Paralelamente ao caráter de inovação que a inclusão social pela via do trabalho significa para o enfrentamento dos desafios democráticos de redução da desigualdade social, não é possível desconsiderar a face do objeto, como já vem sendo estudado, de que a lucratividade do segmento industrial da reciclagem encontra respaldo

na organização de empreendimentos associativos de catadores. Por diferentes razões, desde aquelas vinculadas às desobrigações contratuais dos direitos trabalhistas (Leite, 2009), até o que ainda merece ser mais bem conhecido: até que ponto a acumulação do capital da indústria da reciclagem, na particularidade da reciclagem do plástico, depende a precarização do trabalho da categoria ocupacional de catadores de materiais recicláveis.

Estudos indicam que estão desativadas cerca de 80% das usinas brasileiras de separação e reciclagem de resíduos sólidos, construídas na última década. Não por falta de investimento tecnologia e tampouco por falta de mercado para os produtos recicláveis. Antes, por falta de investimento em tecnologia social na qual se destaca o cooperativismo de catadores (Lassance Jr. e Pedreira, 2004). No âmbito nacional da reciclagem do plástico, indica-se que o nível operacional médio da indústria, em 2011 foi de 63% da capacidade instalada. Todos os indicativos conduzem à inferência de que a organização de redes de micro-empresendimentos associativos de catadores seja indispensável para ampliar as bases da acumulação do capital do segmento industrial. Esta essencialidade ajuda a explicar o envolvimento e até ações de financiamento do segmento da reciclagem do plástico em favor do incremento do cooperativismo de catadores. É sobre o que o texto tenciona discorrer.

Objetivo

A partir das referências acima aludidas, o artigo visa a analisar as interassociações das políticas de indução à auto-organização de sistemas cooperativistas de catadores de materiais recicláveis com as demandas advindas das necessidades de ampliação das condições de reprodução do capital da indústria da reciclagem, nas particularidades da reciclagem dos polímeros.

Metodologia

O conteúdo do artigo consiste em um vetor extensivo do projeto de pesquisa e extensão intitulado *Cooperativismo, Tecnologia Social e Inclusão Produtiva de Catadores de Materiais Recicláveis*, conduzido no Grupo de Pesquisa CNPq *Cultura e Política do Desenvolvimento*. Tem por foco o estudo dos condicionantes sociopolíticos e culturais envolvidos na temática, mediante referências e instrumentos da abordagem metodológica da pesquisa-ação, no horizonte da inserção de coletivos de catadores em

sistemas municipal de coleta seletiva integrados à gestão de resíduos sólidos urbanos e às cadeias produtivas da reciclagem. A execução da pesquisa específica para o objeto tratado no artigo está apoiada em fontes secundárias ligadas à indústria da reciclagem do plástico (sites e publicações especializadas) e em fontes primárias (observação participante em eventos organizados pelo setor e entrevistas em profundidade com atores sociais a ele pertinentes)

Referências

- ABIPLAST e SINDPAST - **Aplicações das Principais Resinas Plásticas**. Disponível em <http://www.abiplast.org.br>, Acesso em 10.09.2010.
- AQUINO Israel F. (et al.) **A organização em rede dos catadores de materiais recicláveis na cadeia produtiva reversa de pós-consumo da região da grande Florianópolis: uma alternativa de agregação de valor**. *Gest. Prod.*, São Carlos, v. 16, n. 1, p. 15-24, jan.-mar. 2009
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de Consumo**. Lisboa, Edições 70, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt, **Vida de Consumo**. México : Fondo de Cultura Económica, 2007.
- BECK, Ulrich. **La société du risque**. Paris: Alto Aubier, 2001
- CALDERONI, Sabetai. **Os bilhões perdidos no lixo**. São Paulo: Humanas Editora FFLCH/USP, 2003.
- COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro : Garamond, 2004
- IVO, Anete Brito Leal. **Viver por um fio: pobreza e política social**. São Paulo : Annablume; Salvador: CRH/UFBA, 2008
- LEITE, Márcia de Paula, Cooperativas e trabalho: um olhar sobre o setor de reciclagem e as fábricas recuperadas em São Paulo, *in* Isabel P.H. Georges e Marcia de Paula Leite (Orgs) **Novas configurações do trabalho e Economia Solidária**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009
- LEITE, Márcia de Paula. A economia solidária e o trabalho associativo – teorias e realidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2009 - SciELO Brasil <http://www.scielo.br> . Acesso em 03/08/2011
- MING, Celso. Descomplicar a reciclagem. *In Jornal O Estado de S. Paulo*, caderno Economia e Negócios, 19 de fevereiro de 2011.
- Revista meio Ambiente Industrial**. Disponível em <http://www.rmai.com.br>
- SANTOS, Milton. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos. São Paulo : Edusp, 2004.
- STROH, Paula Y. (org). **Cidade, Lixo e Cidadania**. Maceió, EDUFAL, 2009